



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

**A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CHÃO DE UM CENTRO MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO INFANTIL: LEITURAS NO/COM O COTIDIANO DE
CRIANÇAS¹**

Victor José Machado de Oliveira²

David Gomes Martins³

Resumo: O presente texto é fruto das experiências do Estágio Curricular Supervisionado construído num Centro Municipal de Educação Infantil. A metodologia foi pautada pela natureza qualitativa configurando-se na aplicação de nove intervenções a uma turma de vinte crianças com idade média de quatro anos. A discussão teórico-metodológica foi traçada mediante o caráter heurístico de investigação atribuindo às crianças o caráter de poéticas e praticantes do cotidiano, assim estabelecendo uma visibilidade dos indícios acerca dos usos e apropriações que estas operam no processo educacional.

Palavras-chave: educação física; educação infantil; cotidiano; poética.

No chão do Centro Municipal de Educação Infantil: possibilidades no/com o cotidiano

O presente texto tem por objetivo socializar as experiências do Estágio Curricular Supervisionado (ECS) II que se materializaram em campo no período de 2011/1 em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) do município de Cariacica/ES. A intervenção realizada foi pautada a partir da Análise da Conjuntura Educacional e confecção do Plano de Unidade Temática que gerou nove intervenções numa turma de vinte crianças – sete meninos e treze meninas – com idade média de quatro anos.

O CMEI apresenta características particulares. Começando por sua proximidade da Secretaria Municipal de Educação, também é uma instituição nova tendo atualmente cerca de três anos de existência. Suas instalações foram alocadas num prédio que funcionou, anteriormente, como uma escola de ensino fundamental. Devido à sua proximidade à secretaria de educação e de sua recente gênese percebemos que seu trabalho prestado à comunidade “reza” certa excelência de “instituição modelo” uma vez que recebe, periodicamente, visitas dos supervisores dessa secretaria.

¹ Este texto é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O cotidiano da educação infantil e a presença da educação física na poética de ser criança”.

² Licenciado em Educação Física - Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo (FCSSES). Mestrando em Educação Física (PPGEF/CEFD/UFES). Membro do Laboratório de Pesquisa em Educação Física (LESEF). Bolsista FAPES. Contato: oliveira_vjm@hotmail.com.

³ Licenciado em Educação Física - FCSSES.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Um fator que nos chamou a atenção é a ambiguidade gerada no sistema educacional para os CMEI's de Cariacica. A educação física se assenta neste tempo-espço através do cargo de “dinamizador” onde concorrem profissionais da área tanto quanto das Artes. Esse ponto nos inquietou bastante, pois, devido a essa configuração não tivemos a presença/figura do professor *especialista* (AYOUB, 2005). Entretanto, essa situação nos sugeriu, mesmo em meio às problemáticas, uma construção comprometida de nossas intervenções de maneira que atendesse as crianças, tanto quanto estabelecesse discussões acerca da implementação do cargo de professor de educação física na rede municipal de educação infantil desse município.

Foram inquietações como as citadas acima que fomentaram e justificaram nossa entrada e permanência em campo até o final do estágio. Ao procurar orientar um trabalho coerente com a realidade da educação de crianças sentimos a necessidade de ampliar os estudos para além das abordagens da educação física para o diálogo com o cotidiano que se configurou como *locus* intermediário de nossas atividades. Foi no *chão* do CMEI que encontramos, no cotidiano, possibilidades de promover as intervenções.

Como constatado em nosso levantamento documental a Constituição Federal de 1988 estabelece um marco assegurador da educação infantil como dever do Estado e direito da criança. Entretanto, nem sempre a infância foi alvo de preocupações, tendo ela sido reconhecida tardiamente em nossa sociedade (SAYÃO, 2002). Podemos citar como esforços e preocupações recentes, além da referida Constituição, o desenvolvimento do Estatuto da Criança e do Adolescente, da Lei de Diretrizes e Bases Nacionais (Lei 9.394/96) e do Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.

A qualidade comprometida com a educação das crianças busca uma aprendizagem significativa. E nesse sentido concordamos com Andrade Filho (2007) quanto à necessidade de afirmar a criança enquanto sujeito histórico e inserido numa cultura, tendo assim o direito a um tratamento pedagógico específico e que atenda suas necessidades. Nesses contornos que o cotidiano foi surgindo como eixo aglutinador das práticas realizadas no estágio.

Dessa forma as intervenções caracterizaram-se enquanto espaços formativos tanto para as crianças quanto para nós estagiários uma vez que teve por solo comum o *chão* do CMEI compreendido aqui como palco das produções dos *praticantes*⁴ desse tempo-espço. É na esteira de Certeau (2011) que objetivamos um trabalho operativo o qual proporcionasse às crianças um leque de experiências significativas perspectivando os aspectos do movimentar-se e estabelecendo interlocuções com a *poética*⁵ de ser criança.

⁴ Este conceito utilizado por Certeau (2011) propõe a visão dos lugares de autoria daqueles que produzem o cotidiano.

⁵ Poética: do grego *poien* que significa criar, inventar, gerar. Essa expressão utilizada por Certeau (2011) abarca o intento de detectar nas poéticas as “fabricações”, aquilo que os consumidores – aqui as crianças – fazem com os produtos.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Com a cultura corporal de pano de fundo, as experiências construídas no cotidiano foram marcadas por sua dimensão heurística frente às possibilidades de pinçar, no tempo-espaço das intervenções, *indícios* (GINZBURG, 1989) dos *usos e apropriações* (CERTEAU, 2011) que as crianças fizeram dos brinquedos e brincadeiras – conteúdo elegido para o desenvolvimento das intervenções.

Apropriações e usos dos brinquedos e brincadeiras

O primeiro ponto que emerge das intervenções indica uma característica singular da turma de nossas intervenções. As crianças nunca haviam tido aulas de educação física. Esse fato indicou o caráter processual dos trabalhos realizados. Com o decorrer das intervenções foram construídos espaços de vivências da cultura corporal, onde as crianças *operavam* com os brinquedos novas formas de fazer *com* táticas e usos de um consumo produtivo (*idem*). Cabe ressaltar que as crianças não são seres cristalizados por uma cultura; elas se doam as possibilidades do presente, ou seja, são o *aqui-agora* e não um simples *dever*.

Para compreendermos alguns indícios pinçados no cotidiano é necessário nos atentarmos para as linguagens “não verbais”. Os silêncios das crianças por vezes nos falaram durante as intervenções. A linguagem não é central e única quando se trata em crianças e isso nos indica diferenças na construção metodológica da pesquisa com esses sujeitos. Em nosso caso os usos e apropriações estiveram relacionados fortemente com aquilo que as crianças faziam com os brinquedos e brincadeiras. Nesse sentido as expressões, gestos, silêncios, etc. nos indicam pistas a serem consideradas como indícios da construção de uma trama, de um tapete (GINZBURG, 1989).

O cotidiano emerge neste tema com relevante contribuição. E conforme aponta Certeau (2011, p. 90) com relação aos usos da língua surge nesse contexto a problemática do enunciado o qual “[...] fornece um modelo, mas elas vão se encontrar na relação que outras práticas (caminhar, morar, etc.) mantêm com sistemas não linguísticos”. Esse modelo é caracterizado em quatro momentos: a) uma efetuação; b) uma apropriação; c) um contrato (intermédio um interlocutor); d) um presente (organização de uma temporalidade). O autor ainda salienta que esses elementos apresentam uma nodosidade, nó de circunstâncias, inseparáveis do contexto.

Quando em nossas intervenções a criança realiza e apropria-se de uma brincadeira e através dela se insere numa rede de relacionamentos, também se situando no tempo, ela opera *sobre* essa produzindo e modificando a dinâmica de uma relação posta. É possível notar isso mediante a possibilidade de aplicação do modelo do enunciado “[...] à muitas operações não linguísticas, tomando como hipótese que todos esses usos dependem do consumo” (*idem*, p. 91).

Ao brincar a criança nem sempre brinca sozinha. Percebe-se isso na problemática do enunciado apontado por Certeau (2011), quando essa faz uso das brincadeiras, esta



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

institui *um contrato* relacional com um interlocutor (real ou fictício). Então desde as brincadeiras coletivas, individuais, cantadas, tanto no faz de conta através da contação de histórias a criança estabelece um diálogo com o outro e por seguinte uma *apropriação* do conhecimento – de brincar – elegendo uma temporalidade a partir do agora (presente) criando um antes e um depois. Exemplo disso em nossas intervenções foi a construção dos brinquedos populares. O presente elegido na construção marcou para as crianças um antes – onde não sabiam o que era o brinquedo popular – e o depois – onde brincavam com o que antes não conheciam. Essa é a capacidade da criança de ser o *aqui-agora*.

Quando do uso prático da construção de brinquedos percebemos durante as intervenções que a criança “assina aí sua existência de autor” (CERTEAU, 2011). Essa é a *poética* em que se apresentam quando assumem seu espaço dentro do processo de ensino-aprendizagem. Balizando essas considerações podemos analisar como possivelmente uma bricolagem⁶, ou seja, as maneiras de colocar sobre os objetos formas singulares de criação de significados e sentidos. Provavelmente está aí uma das manipulações secundárias apontada por Certeau (2011), quando em nossas intervenções as crianças retornam o brinquedo com novas formas de brincar.

Durante as intervenções foram surgindo algumas inquietações o que sugeriram uma atenção maior a alguns pontos que foram se conformando na rotina das crianças. Para tanto foi necessário inquirir vestígios de como é compreendido a estrutura de organização didática do tempo que perpassa o cotidiano da educação infantil. O uso dos espaços, as “interrupções” das atividades e a constituição da rotina foram elementos pinçados de nossa prática durante o estágio que possibilitou a percepção da instauração do espaço da “*não aula*”.

Fundamentando nosso primeiro pensamento do que chamamos de “*não-aula*” encontramos na crítica de Certeau (2011) a Foucault contribuições acerca de um novo olhar das instituições da sociedade disciplinar para além da vigilância. A obra de Foucault “privilegia o aparelho produtor (da disciplina), ainda que, na ‘educação’, ela ponha em evidência o sistema de uma ‘repressão’ e mostre como, por trás dos bastidores, tecnologias mudas determinam ou curto-circuitam as encenações institucionais” (idem, p. 40). Percebemos na instituição escolar condutas repressoras que nem tanto divergem as práticas dos sujeitos que nela estão inseridos, uma vez que estes se apoiam nas microrresistências não sendo totalmente passivos a diretividade disciplinar desses mecanismos.

Quando tratamos nestes termos em declarar uma “*não-aula*” não nos referimos a um “abandono pedagógico” ou uma “invalidéz” da prática educacional. Mas sim o fazemos mediante a singularidade da educação infantil: um tempo-espaço não escolarizado que

⁶ Bricolagem é comentada por Certeau (2011) em sua obra *A Invenção do Cotidiano*. Entendemos ela como sendo o conjunto de disposições que constituem nossa capacidade de acoplar/integrar com vistas a organização provisória de uma permanente criação do fazer.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

tem por objetivo cuidar e educar crianças. Entretanto o que nos inquietou muito é o fato de que a escolarização alastra-se na educação infantil desde as estruturas arquitetônicas até a configuração da aula. Com relação a isso concordamos com Sayão (2002, p. 47) ao apontar que “a Educação Física quando presente no currículo da Educação Infantil não pode pautar-se por um modelo ‘escolarizante’, que objetive antecipar [...] a preparação das crianças no ensino fundamental”.

Durante nossas intervenções percebeu-se que as crianças não se reduzem ao espaço da aula uma vez que elas inventam mil maneiras de fazer o cotidiano. Jogando com os mecanismos de disciplina através de ações “minúsculas” como, por exemplo, quando ao final da intervenção ainda continuam brincando, aprendendo e desenvolvendo-se, as crianças se afirmam enquanto consumidoras do brincar para além do momento do que numa situação escolarizada remeteria ao espaço da aula.

Analisando a relação *uso/consumo* no espaço da “*não-aula*” apreciamos a percepção denotadora privilegiada para se encontrar as formalidades próprias às práticas recorrentes realizadas pelas crianças. Gilbert Ryle *apud* Certeau (2011, p. 90) “[...] servindo-se de uma distinção saussuriana entre a ‘língua’ (um sistema) e a ‘palavra’ (um ato), comparava a primeira a um capital e a segunda às operações que ele permite de um lado um estoque, do outro, negócios e usos”. Quanto ao consumo concordamos com Certeau (2011) que enquanto a produção fornece um capital, os usuários adquirem o direito de efetuar operações mesmo não sendo seus proprietários.

Assim como no campo da “língua” a brincadeira enquanto possível campo de entendimento das relações que a criança institui em seu cotidiano apresenta essa distinção entre a “brincadeira/brinquedo” (um sistema) e o “brincar” (um ato). As artes de fazer das crianças em nossas intervenções mostraram que mesmo não sendo proprietárias – das brincadeiras, brinquedos e da própria intervenção – adquiriram o direito de efetuar suas próprias operações sobre os mesmos. Esse é o espaço da “*não-aula*” que percebemos e objetivamos neste momento explicitar segundo os achados em nossa passagem pelo estágio.

Considerações finais

O ECS conformou-se num momento de aprendizado que, mesmo mediante as problemáticas surgidas no decorrer deste, ofereceu um leque de oportunidades para a apreciação e discussão acerca da presença da educação física na educação infantil apontando suas contribuições neste tempo-espaço.

Mediante a proposta de intervenção percebeu-se uma proficuidade quanto à percepção das crianças enquanto poéticas. Essa visão possibilitou construir um plano que permitisse a elas serem autoras do processo educacional.

As considerações dos usos e apropriações dos brinquedos, tanto quanto do espaço da “*não aula*” constituem-se como aproximações heurísticas dos indícios achados durante



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

nossa passagem pelo estágio. Nesse sentido o compromisso da busca tem-se mostrado fiel aos objetivos de proporcionar uma educação que não esteja numa via unilateral, assim atendendo as crianças enquanto seres totais, únicos e indivisíveis, uma vez que as mesmas sendo formadas sócio-histórico-culturalmente, também são formadoras.

Referências

ANDRADE FILHO, N. F. Perspectiva Pedagógica da Educação Física para a Educação Infantil: provocações. In: GRUNENWALDT, J. T.; KUHN, R.; RIBEIRO, S. D. D.; SCHNEIDER, O. (Org.). *Educação Física, Esporte e Sociedade: temas emergentes*. 1. ed. Aracajú: Universidade Federal de Sergipe, 2007.

AYOUB, E. Narrando experiências com a educação física na educação infantil. In: *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 26, n. 3, p. 143-158, maio 2005.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SAYÃO, D. T. Infância, Prática de Ensino de Educação Física e Educação Infantil. In: VAZ, A. F.; SAYÃO, D. T.; PINTO, F. M. *Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a Prática de Ensino de Educação Física*. Florianópolis: UFSC, 2002.

Mostra de Experiência Pedagógica